

99. Estamos fazendo de tudo para ajudar nosso povo

Hosandinho Charles dos Santos

Eu me chamo Hosandinho Charles dos Santos, tenho 34 anos, sou indígena da etnia Galibi-Marworno, atualmente eu moro na Aldeia Tukay, no KM-92 da BR-156, na Terra Indígena Uaçá, estado do Amapá. Sou formado na área da saúde, no Curso Técnico em Enfermagem, e sou graduando do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), no Campus Binacional de Oiapoque. Hoje eu estou trabalhando como técnico em enfermagem na minha própria comunidade, onde fica o posto central de saúde que dá atendimento a mais quatro comunidades que também se localizam na BR-156 e fazem parte da minha área de trabalho.

Como técnico de enfermagem, diante dessa pandemia da COVID-19, eu posso dizer que a gente sentiu muita dificuldade. A gente estava triste, pensando como seria a chegada desse vírus na nossa comunidade. Eu fiz o máximo como técnico para estar sempre orientando e sensibilizando as comunidades em que eu trabalho sobre a utilização de máscara e a utilização de álcool em gel. Como eu trabalho com cinco aldeias, acredito que a visita foi essencial nesses tempos de pandemia, a gente não podia ficar de mãos, de braços cruzados... Era preciso orientar, passar as informações para a comunidade, orientações de prevenção da COVID-19.

A gente sentiu muita dificuldade na questão do isolamento social, na quarentena nas aldeias. Eu observei muito isso, tinha entrada e saída de pessoas nas aldeias, e isso dificultou muito o nosso trabalho como técnico e facilitou, com certeza, a entrada do vírus nas nossas comunidades. Foi muito difícil sensibilizar as pessoas a usar máscaras, álcool em gel, a estarem nas suas comunidades, é uma das maiores dificuldades que eu ainda estou sentindo como profissional.

A contaminação chegou aqui na BR primeiro pela Aldeia Samaúma, que é uma comunidade que fica no KM-83. Quando chegou nessa aldeia teve um surto de febre de uns 14 a 15 dias. Não foi durante a minha escala, eu não tinha como visitar, essa comunidade passou por momentos muito difíceis. Depois chegou na Aldeia Tukay, no mês de maio, através de uma senhora que veio do município de Oiapoque e que tinha realizado uma cirurgia

cesariana. Entrei em contato com ela diretamente por causa dos curativos, por causa da limpeza que eu precisava fazer na cirurgia. Então eu peguei o vírus e, com certeza, eu coloquei a minha família em risco, todas as pessoas que vivem comigo na minha casa, esse foi um momento muito triste para mim como profissional.

Quando o coronavírus chegou na minha aldeia disseminou muito rápido na comunidade e todo mundo, praticamente, ficou sem saber o que fazer, porque eu sou o técnico e estava doente, estava com febre constante, eu não podia atender o meu pessoal da comunidade e também as pessoas das outras comunidades. Logo depois o vírus apareceu na Aldeia Anawerá, também com um surto de febre muito grande nessa comunidade. Eu estava de escala nesse momento e a gente tinha que fazer o máximo para tentar ajudar as pessoas, graças a Deus na Aldeia Samaúma e na aldeia Anawerá os pacientes não evoluíram para um quadro mais grave de COVID-19.

Na Aldeia Tukay a situação foi mais difícil para as pessoas que sofriam de problemas pulmonares e doenças crônicas, como a hipertensão e diabetes. Nossa preocupação era maior com essas pessoas de risco, minha preocupação era como iria ficar o estado clínico dessas pessoas se pegassem COVID-19. A gente sabe que isso não depende tanto da pessoa, mas depende muito do sistema imunológico da pessoa, foi o que eu percebi durante esses casos de febre que deu nas pessoas.

O meu pai foi uma pessoa que não conseguiu resistir ao coronavírus porque já sofria problemas pulmonares antes, então, quando ele pegou a COVID-19, a situação dele ficou mais grave ainda, eu tive que referenciar ele para o Oiapoque, para o atendimento mais adequado, mas ele não resistiu. Assim como também uma criança, que é daqui da Aldeia Tukay, uma criança de 4 anos que estava com o diagnóstico de leucemia. Ela saiu daqui com o diagnóstico, quer dizer, com uma impressão diagnóstica, mas foram feitos os exames em Belém e deu positivo para leucemia, mas quando a criança pegou a COVID-19 não conseguiu resistir, são esses pacientes que fazem parte da minha área que não conseguiram resistir.

Hoje, graças a Deus, está tudo um pouco calmo, as comunidades, praticamente, já estão se recuperando. As vezes alguém apresenta dificuldades para respirar, mas a gente já tem uma prática de como lidar com esses pacientes, e é muito importante o nosso trabalho como profissional de saúde, fazendo o máximo possível para as comunidades indígenas.

O vírus ainda circula nas nossas comunidades e a gente está ciente disso, então a gente sempre tem que continuar a usar máscaras diariamente, higienizar as mãos e se

prevenir da melhor forma possível. Isso é uma das orientações que eu passo para as comunidades nas quais eu trabalho. É esse o relato do meu trabalho como técnico e é muito importante o nosso papel diante dessa pandemia. Nós, profissionais de saúde, estamos fazendo de tudo para ajudar as nossas comunidades.

Aldeia Tukay, Oiapoque, Amapá, Brasil

25 de agosto de 2020